

*MASOQUISMO:
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA CLÍNICA DA PSICOLOGIA
BIODINÂMICA*

Glória Cintra / abril 2001

**MASOQUISMO:
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA CLÍNICA DA PSICOLOGIA
BIODINÂMICA**

Glória Cintra / abril 2001

O presente artigo tem por objetivo conceituar o caráter masoquista através dos pontos de vista de Alexander Lowen (fundador da Bioenergética) e David Boadella (fundador da Biossíntese), e tecer reflexões sobre a prática da Psicoterapia Biodinâmica de Gerda Boyesen, utilizando para isto o seu relato sobre o paciente Richard, publicado no artigo “*Masoquismo e energia masoquista: um insight*” (1983, Cadernos de Biodinâmica n° 3).

Os três autores acima citados são considerados psicoterapeutas corporais neo-reichianos.

Em O corpo em terapia (1977), Alexander Lowen, ao descrever o caráter masoquista, comenta:

“O problema do masoquismo tem sido e ainda é um dos mais difíceis problemas terapêuticos para a psiquiatria analítica. Com um analista simpático e competente, o caráter oral responde bem à interpretação analítica. Embora seja lento o progresso, não obstante, é seguro e consistente. Mas isto não se dá com o masoquista. Após uma melhora superficial que geralmente é apenas um alívio dos velhos sintomas e queixas, o padrão tende a se repetir durante o curso de análise. Esta resposta passou a ser conhecida como a ‘reação terapêutica negativa.’

O fracasso de Freud em vencer essa ‘reação terapêutica negativa’ no caso do masoquismo levou-o a formular o conceito de instinto de morte, embora a justificativa teórica para tal conceito estivesse baseada também sobre outras observações. Por outro lado, a solução clínica para o problema, proposta por Reich, indicou o modo de se compreender a base biológica da neurose. Reich publicou suas observações pela primeira vez em 1932, em forma de um artigo intitulado ‘Der Masochistischer Character’, que mais tarde se tornou um dos capítulos de um estudo mais abrangente, Análise do caráter, que ainda hoje constitui um dos grandes feitos da teoria e prática psicanalíticas.

A refutação clínica feita por Reich da teoria do instinto de morte não invalidou totalmente as deduções de Freud. Se negarmos a existência de um masoquismo primário, ou seja, de um instinto de morte, ainda estaremos de acordo que o masoquismo clínico é um sadismo voltado contra si mesmo. Os problemas do mecanismo através do qual um impulso se volta para dentro e investe contra a própria pessoa não foram explicitados por Reich, embora as condições que fazem tal mecanismo operar e os resultados disso houvessem sido plenamente elucidados.

O masoquismo foi originalmente estudado como uma observação do comportamento sexual. Freud havia indicado bem no início de seu trabalho que o masoquismo poderia se manifestar em formas que não apresentariam as perversões masoquistas ou as fantasias masoquistas de espancamento. A estas, denominou de masoquismo moral e masoquismo feminino. Reich resolveu o problema clínico não por se concentrar na perversão masoquista como era de hábito se fazer, mas pela análise da sua base caracterológica de reação.

É altamente instrutivo analisar as queixas que um paciente nos traz. O masoquista sofre principalmente de ansiedade. No entanto, já vimos que o caráter oral também sofre muita ansiedade. Neste aspecto, diferem dos tipos de caráter passivo-femininos e rígidos que, devido a um maior desenvolvimento do ego, são capazes de reprimir sua ansiedade, exceto em circunstâncias especiais. Mas são diferentes as ansiedades sentidas pelo masoquista e pelo oral. O masoquista a experiencia quando está sob pressão do ambiente profissional ou de relacionamentos sociais, enquanto que o oral fica ansioso antes de se deparar com a situação. Não obstante, a sutileza da diferença é importante já que é a sensação de estar continuamente sob uma grande pressão que caracteriza o ego masoquista. A inércia do masoquista não é o equivalente da depressão do caráter oral. Um paciente de Reich a descreveu como o ‘pântano ou atoleiro masoquista’, ambas expressões muito adequadas. Sentimentos negativos conscientes não são nunca encontrados em outros tipos de caráter, no grau em que são sentidos ou expressos pelo masoquista.”

Lowen descreve um dos seus pacientes masoquistas do ponto de vista corporal da seguinte maneira:

“Era bem constituído, bastante musculoso, com peito e ombros largos. Tinha uma tonalidade de pele escura, seu cabelo era preto mas ia ficando grisalho e ralo. Sua face não mostrava nenhuma expressão especial quando em repouso; sob condições de esforço emocional, se contorcia numa forte expressão de desagrado e desprezo. Ao mesmo tempo, a parte posterior do pescoço ficava tensa, numa poderosa contração. A expressão desta contração no pescoço e na face poderia ser interpretada como uma obstinação extrema. Notava-se que o peito se movia facilmente com a respiração e que o abdômen era macio. Também isto mudava sob a influência de sentimentos fortes. Os músculos abdominais enrijeciam-se num nó apertado. As nádegas se contraíam e a pélvis era empurrada para a frente e para cima. Os ombros eram mantidos com extrema firmeza, mas não ficavam quadrados. Era óbvia uma acentuada rigidez nas coxas e pernas. As juntas dos joelhos e cotovelos ficavam bastante inflexíveis, de modo que era difícil de dobrarem. Os pés ficavam muito contraídos e formando um arco alto. Os artelhos não se separavam.

É relativamente fácil fazer o diagnóstico de masoquismo neste caso, a partir da história e das queixas levantadas. Veremos que é igualmente fácil chegar ao diagnóstico a partir da estrutura e função do corpo, uma vez que sua expressão seja compreendida. Vejamos mais de perto este problema de caráter.

Reich resumiu os principais traços do caráter masoquista, do seguinte modo: ‘subjettivamente, existe uma sensação crônica de sofrimento que, objetivamente, aparece como uma tendência a se queixar; as tendências crônicas à autodestruição e auto-depreciação (masoquismo moral) e uma compulsão a torturar outros, fazem o paciente sofrer tanto quanto o objeto. Todos os caracteres masoquistas mostram um comportamento estático, especificamente desajeitado em suas maneiras e em seu relacionamento com outros, freqüentemente de modo tão acentuado que dá a impressão de deficiência mental’. De acordo com Reich é somente quando todos estes elementos estão presentes, determinando a base da personalidade e suas reações típicas, que se configura a estrutura de caráter masoquista.”

Lowen prossegue dizendo:

“Traduzindo para uma escala maior, podemos dizer que o masoquista não nega a realidade como o faz o esquizofrênico, nem tampouco rejeita suas demandas à maneira do caráter oral. Aceita a realidade, ao mesmo tempo em que luta contra ela, admitindo a racionalidade de suas exigências ao mesmo tempo em que resiste a elas. Está num terrível conflito, como nenhum outro caráter. Um conflito entre o fazer e não fazer, entre evacuar e reter.

Já que eu havia observado este padrão regular nos pacientes masoquistas que havia tratado, senti que estes eram realmente caracteres anais.

Aos pacientes masoquistas que tratei faltava ‘espinha dorsal’. Em qualquer situação onde uma posição firme fosse necessária, esforçavam-se, porém se desmoronavam logo em seguida. Podemos fazer uma outra interpretação. A falta de uma ‘sensação de espinha dorsal’ faz com que os indivíduos contraíam as vísceras a fim de conseguirem uma sensação de apoio. É lógico que isso não pode nem consegue fazê-lo ficar de pé, sendo inevitável o colapso.

Nesta época, trabalhei com o paciente a fim de mobilizar o ódio na parte posterior de seu pescoço através do: ‘Eu não vou fazer’, expresso com força. Também encorajei-o a bater no divã a fim de desenvolver a sensação da espinha dorsal através da liberação de raiva. Estas táticas obtiveram um bom efeito e, de novo, houve uma melhoria ao final de

cada sessão, mas isso não durava uma semana. A cada hora em que o inquiria a respeito de como se sentia, o paciente expressava as mesmas queixas. Talvez um pouco menos de ansiedade, uma leve diminuição da tendência a forçar as coisas, mas sempre a ausência de prazer sexual, a dominância de sentimentos negativos, a ausência de alegria.

Além disso, o masoquista tem um sistema altamente carregado de energia, que pode se ver embaraçado entre dois impulsos antagônicos, embora o afeto possa ser facilmente eliciado.

Reich (1949, págs. 225 e 226) diz que ‘a tortura masoquista, a queixa masoquista, a provocação e o sofrimento, todos se explicam com base na frustração fantasiada ou real de uma exigência de amor, excessiva e que não pode ser gratificada. Este é um mecanismo específico do caráter masoquista e, de nenhuma outra forma de neurose’.

Mas, por que é excessiva a necessidade de amor? Reich responde dizendo que ‘o caráter masoquista tenta aliar, de modo inadequado, a tensão interna e a ansiedade ameaçadora, ou seja, através de exigir amor na forma de provocação e malquerença’. Logicamente o método deve fracassar. O caráter masoquista está próximo do conhecimento de que deve falhar. Isso já aconteceu muitas vezes. O indivíduo até reconhecerá o fato. Poder-se-á dizer, então, que em certa medida ele deseja fracassar. Será este o desejo de ser punido sobre o qual temos lido tanto? O fato tem duas outras interpretações. Em primeiro lugar, o fracasso justifica sua própria inadequação. Pode-se culpar os outros. Em segundo, o sucesso é temido porque põe o masoquista em evidência e provoca fortes ansiedades ao lado de exibicionismo.

Durante várias sessões, analisei o comportamento do paciente em termos do ‘abatimento’ masoquista. Ele é como um bêbado que caiu na sarjeta. Geme por socorro, mas quando a mão lhe é estendida, o samaritano é arrastado para baixo, para a sarjeta, para ser arrasado. Isto não é calculado conscientemente; é o resultado inevitável do padrão de comportamento característico do masoquista. A fim de compreender o problema, devemos conceber o masoquista como um indivíduo profundamente humilhado e que se sente inferior. Seu comportamento pode ser então interpretado como: ‘Olha, você não é nem um pouco melhor do que eu’.

Após quase um ano de trabalho, as tendências masoquistas resistiam fortemente. Fiz-lhe ver que a despeito de meus esforços, que o haviam tirado do seu abatimento, algo continuava a forçá-lo a voltar para tal estado de novo. Algo ainda desconhecido, mas logo surgiu a pista.

Ele comentou durante a última semana, enquanto ouvia música de Beethoven, que havia chorado. Várias vezes o choro verdadeiro o havia tirado para fora de seu abatimento, mas esta vez não funcionou. E acrescentou que, enquanto chorava, estava ciente de um sentimento dentro dele que lhe dizia: ‘Você não quer realmente chorar; você só o faz para enganar os outros’. Então, as coisas ficaram claras para mim. É como se um diabo dentro dele estivesse rindo de nós dois, ridicularizando nosso esforço para libertá-lo de seu abatimento. Não sei se esta simples observação teria provocado em mim a mesma impressão que tive se eu não tivesse precisamente acabado de ler o livro Os demônios, de Dostoiévski. Nessa estória, o protagonista revela que era possuído pelo demônio. Senti que ali estava o algo misterioso que estava negando meu trabalho e os esforços do paciente e assumi seriamente o conceito de demônio.

Para minha surpresa, o paciente me relatou que sentia o ‘diabo’ dentro dele e que podia vê-lo ocasionalmente. O ‘demo’, conforme visto pelo paciente, tinha a face de um homem com uma expressão maliciosa e ridicularizadora, como a lhe dizer: ‘Você não vai

conseguir, você realmente não vale nada.’ Por outro lado, quando sentia o ‘diabo’ dentro de si, sempre sentia mais forte, melhor e fora do abatimento masoquista. Era nestas ocasiões que experienciava desprezo pelos outros e se sentia muito superior aos demais. Com respeito à terapia, sua atitude era a seguinte: ‘Foda-se, eu posso me safar sozinho. Não preciso de você. De qualquer modo, você não presta para nada.’ E ele sabia que era o ‘diabo’ dentro dele que o levava a criticar sua mulher.

Além disso, ele olhava de tal modo malicioso, que realmente parecia um ‘demônio’. Não há dúvida de que o paciente via uma projeção de sua própria expressão, porque sua descrição do diabo correspondia com o que eu via em seu rosto. Como isto se dá não posso explicar, mas podemos fazer alguns comentários quanto à natureza e função do ‘diabo’.

A partir da descrição que o paciente fazia de sua mãe e das muitas coisas que relatou sobre ela, não tenho dúvidas de que o diabo estava relacionado à sua mãe. Ele me havia descrito as profundas humilhações sofridas em suas mãos. Ela criticava todo movimento que ele fizesse, xingava-o com nomes degradantes e dizia que ele não valia nada. Ela ria dele e o ridicularizava. A constante superênfase na alimentação e defecação minou a confiança da criança em seus próprios sentimentos. Mas ainda mais desastroso para o ego em desenvolvimento desta criança foi a prática materna de inserção do dedo em seu ânus para provocar os movimentos intestinais. Este acoplamento de uma satisfação erótica com humilhação permitiu à mãe destruir a independência da personalidade em crescimento. O papel do pai na situação parece ter sido passivo. Ele simplesmente era um ‘estranho misterioso’ sobre o qual a criança projetava seus próprios sentimentos mais íntimos.

Nesta tentativa de proteger seu ego, a criança adotaria o método de seus opressores; usei propositadamente a última palavra. Acredito ser este um importante mecanismo no processo de identificação entre uma criança e os pais. Adotamos as táticas inimigas a fim de vencê-lo. Em todas as situações, este paciente derrotou sua mãe em seu próprio jogo. Ele ficou mais ladino, mais odioso, menosprezava os outros etc. Foi unicamente deste modo que sobreviveu.

Observei uma função diabólica em cada uma das estruturas de caráter masoquista. É uma força negativa que se expressa pela dúvida e desconfiança, antagônica às sensações de fé e de amor. O diabo faz seu jogo, bloqueando todo impulso expansivo extroversivo, pela dúvida ou desconfiança. No caráter masoquista, a desconfiança, fundamentada em experiências infantis, está profundamente entrincheirada e teimosamente resiste aos ataques. Enquanto persiste, pode ser esperada uma reação terapêutica negativa. Só pode ser desmontada através de uma cuidadosa exposição analítica do caráter. A posição é rendida apenas temporariamente. À menor sugestão de antagonismo, é rapidamente reassumida, mas o diabo pode ser vencido se os sentimentos do coração (amor, Deus, Eros) dominam o cérebro e os genitais.

A terapia bioenergética é fundamentalmente um procedimento analítico. A análise é feita tanto ao nível psíquico como ao somático. A expressão verbal do sentimento, bem como aquela feita através do movimento, é empregada para que ocorra uma liberação do afeto bloqueado. Um relatório da terapia com este paciente estaria incompleto sem pelo menos uma menção ao trabalho analítico efetuado para libertar o paciente de muitos de seus traços masoquistas menores: a compulsão a se sobrecarregar de trabalho, sua ansiedade ao encarar o prazer, sua inabilidade em comprar roupas bonitas, sua dificuldade na expressão da afeição.

Quando terminou o tratamento deste paciente, ele se sentiu satisfeito com os

resultados. Adquiriu insight de seu distúrbio e sentiu que podia enfrentar as situações normais da vida sem medo do fracasso. Acima de tudo, ganhou controle sobre seu corpo e soube como prevenir ou vencer o colapso de seu ego e de seus impulsos sexuais. No entanto, devemos ter em mente a advertência de Reich (1949, pág. 246): ‘ninguém deveria se esquecer também de que uma dissolução do caráter masoquista não pode acontecer até que o paciente tenha tido um trabalho e uma vida amorosa durante um período de tempo razoável, ou seja, durante um bom tempo após o término do tratamento’.

Estamos agora na posição de discutir aspectos mais importantes da estrutura de caráter masoquista. O problema central do masoquismo é a aparente necessidade que o masoquista tem de sofrer ou de derivar satisfação e prazer da dor, ou de experiências que outros consideram desagradáveis. Nos casos ordinários, esta necessidade de sofrer encontra sua expressão tanto nas fantasias masoquistas que acompanham a excitação sexual como no comportamento provocativo que leva a castigar o masoquista e a humilhá-lo. No caso da fantasia, tal como a de ser espancado ou amarrado, esta é uma condição necessária para a habilidade de alcançar a descarga no ato sexual. O comportamento provocativo deve ser visto como tendo uma função semelhante. A humilhação leva à tristeza, que traz à tona os sentimentos mais profundos. Após uma discussão com o parceiro, o masoquista funciona melhor sexualmente.

Estudos analíticos revelaram que o masoquista tem um superego muito severo. A necessidade de sofrer foi interpretada como uma tentativa de abrandar o superego, de aliviar as dores de uma consciência culpada. Subjacente ao comportamento masoquista, existe ressentimento e ódio. Esse ódio latente do caráter masoquista justificaria plenamente a severidade do superego ou consciência, mas estas observações não resolvem a dificuldade. Permanece a questão de como é possível que um impulso (ódio), originalmente dirigido para fora, para o mundo exterior, volte-se para dentro, contra si mesmo?

A resposta de Freud (1950a, págs. 74 e 75) à questão foi pressupor um instinto de morte, ou seja, um instinto primário de destruição, originalmente voltado contra o self. Sob a influência do amor (Eros), este instinto é dirigido para fora em direção do mundo da função de sadismo, misturado com amor. De acordo com esta conceituação, o masoquismo resulta de uma condição que produz uma difusão destes dois instintos, de modo tal que o instinto de morte está agora livre para retomar sua direção original contra si mesmo. ‘Não deveríamos ficar surpreendidos de saber que sob certas circunstâncias o sadismo ou instinto de destruição, que foi dirigido para fora, pode ser introjetado, voltado para dentro novamente, deste modo regredindo à sua condição primitiva’. A este masoquismo denominou ‘masoquismo secundário’, para distingui-lo de uma parte do instinto de morte original que não está incluído neste deslocamento ‘para fora’, chamado masoquismo primário.

A existência de um instinto de morte é altamente discutível. Há, no entanto, no homem e na vida animal, duas correntes de energia que propiciam impulsos instintivos, descritos como sentimentos agressivos e ternos; estes últimos podem ser igualados a Eros. Como diz Freud, sob certas condições, essas tendências instintivas podem se difundir e se tornarem antagônicas. Há o fato de que, no indivíduo normal, os dois instintos não são antagônicos, mas complementares. Cada um precisa do outro.

Primeiramente, devemos reconhecer que o caráter masoquista não se queixa de sentimentos de vazio interior. Ao contrário, se queixa de sentir-se estourar, reclama de uma pressão interior e da inabilidade em aliviar a tensão. Não mostra sinais de privação. Todo masoquista sente que sua mãe o amava. É o modo como esse amor se expressou, que

provocou o distúrbio e não a falta dele. A expressão ‘opressão’ se aplica à mãe do masoquista e não à do caráter oral.

O ego do masoquista está esmagado como se tivesse sido apanhado numa armadilha. Isto é quase que literalmente verdadeiro. Na extremidade superior é o sentimento forçado e na inferior é a imposição de um treino rígido à limpeza das funções excretoras que constituem as duas repressões. Para voltar a agressão para dentro, deve-se aplicar uma pressão antes que a agressão se fundeie na realidade, na função genital e na função mental. A criança reage muito fortemente a tais pressões. Chora, luta, se afasta. Através do olhar, da gesticulação e do movimento, apela à sua mãe por simpatia e compreensão.

A negação das necessidades espirituais da criança graças a uma superênfase sobre suas necessidades materiais cria o masoquismo.

Dissemos anteriormente que a supressão resulta em masoquismo, do mesmo modo que a privação provoca oralidade. Suprimida está a independência do organismo jovem, o ego em desenvolvimento. A supressão não toma a forma de hostilidade aberta. Opera sob o disfarce do cuidado extremado, da superproteção, da superpreocupação. Eventualmente, se consegue submissão e o masoquista se torna um bom menino. São empregadas medidas enérgicas: aborrecer, punir, apelar ao amor da criança pela mãe e, finalmente, ameaçar de privar a criança do amor materno se ela não obedecer. Termina num estado de terrível confusão para a criança: seus sentimentos são exigidos com o fito de bloquear sua agressão, a agressão bloqueada impede a expressão de ternura. Em nenhuma outra estrutura de caráter a ambivalência é tão acentuada e o conflito tão grande.

Enquanto o masoquismo se desenvolve a partir de práticas iniciadas durante o segundo ano de vida, a estrutura masoquista não adquire uma forma definitiva até bem mais tarde. Geralmente há um período intermediário de luta, acessos de birra e rebelião e até que esta resistência finalmente ceda, a estrutura masoquista não se forma, o que se dá na maior parte das vezes após a puberdade.

Podemos dar uma outra resposta à questão de como e por que ser espancado, ou a fantasia de levar uma surra pode ser experienciada como agradável. A resposta de Reich (1949, pág. 217) a esta questão foi uma das obras-primas da investigação analítica. Demonstrou que o masoquista não busca ardentemente o espancamento, mas o prazer da descarga sexual como qualquer outra pessoa. ‘O mecanismo de prazer, específico do masoquista, consiste no fato de que enquanto ele luta para obter prazer como outra pessoa qualquer, um mecanismo perturbador causa o fracasso dessa busca e o leva a experienciar como desagradáveis sensações que o indivíduo normal experiencia como prazerosas, quando estas excedem uma certa intensidade’. Este mecanismo perturbador específico é a espasticidade da musculatura que, ao nível genital, impede os sentimentos ternos de carregar adequadamente os órgãos de descarga. O resultado é um acúmulo de energia na pélvis, os sentimentos ternos estando no abdômen e a agressão nas nádegas e coxas. Neste ponto, nos casos mais severos, o masoquista vive sensações de estourar, fica angustiado e deve ser alcançada uma descarga. Nesta situação, o masoquista é como a criança tensa, irritadiça, irascível, cuja sensação de aborrecimento dos pais resulta finalmente em ser batida, após o que a criança chora, se aquieta e cai no sono. Muitas vezes, os pais sentem a necessidade que a criança tem de chorar e podem mesmo perceber o mecanismo. No caso da criança, a surra aumenta a tensão a um ponto tal, onde não se pode mais reprimir nada. A energia represada atravessa o bloqueio na forma de choro convulsivo e soluços. É o choro e o soluçar que descarregam a tensão e produzem relaxamento, não a surra.

A situação é semelhante para o masoquista. O medo de uma forte excitação genital faz com que a energia seja retida nos órgãos pélvicos e nádegas. Aqui a energia se atola, incapaz de se mover para fora numa descarga, nem tampouco para dentro, em retirada. Resulta um estado de ansiedade intolerável. Pode ser empregado então um de dois mecanismos alternativos. Apertando muito forte as coxas uma contra a outra e comprimindo as nádegas, a energia pode ser forçada a ir para os genitais e descarregar. Esta é a prática masoquista corriqueira durante a masturbação e a relação sexual. Logicamente, fica reduzido em muito o prazer da descarga. O que o masoquista fez aqui foi adotar uma prática anal para a função genital. O outro modo traria uma descarga mais potente, mas exigiria o uso da força para aumentar a tensão a um ponto onde fosse impossível segurá-la, então ocorrendo a descarga. O espancamento, ou a fantasia de espancamento masoquista, serve justamente ao propósito de aumentar a tensão.

Não é sempre necessário ter uma fantasia de espancamento. É necessário que essa fantasia seja suficientemente poderosa para proporcionar ao indivíduo uma forte reação, para mobilizar a energia adicional necessária a derrubar o bloqueio. A fantasia tenderia a repetir a situação infantil que produziu originalmente o medo e a tensão, deste modo mobilizando a agressão, congelada na atitude retentiva. Aqui, a compulsão a repetir se apresenta em sua forma mais clara, sendo evidente a razão para tal comportamento.

No masoquista há, psicologicamente, uma ansiedade de castração violenta. O masoquista tem medo de sensações intensas de prazer nos genitais. A inibição da excitação aumentada transforma-se em ansiedade. Então, a falta de prazer aumenta o ‘desejo, e o sofrimento que subjazem às reações do caráter masoquista’. O paciente de Reich descreveu o medo como o sentimento de que o ‘pênis se derreteria’, ou de que o pênis ‘estouraria se ficasse cada vez mais carregado de excitação’.

O masoquista transfere à função genital um padrão de respostas, derivado de suas experiências com a função anal. Tem medo da descarga involuntária e atua no sentido de controlá-la. Esse controle reduz o prazer a um ponto no qual é insatisfatório. Seu desejo aumentado leva-o a buscar mais satisfações genitais. À medida que esse desejo aumenta, aumentam a excitação e a retenção. É um círculo vicioso ao qual o masoquista se vê amarrado. Muito freqüentemente, o terapeuta analítico é preso no mesmo círculo.”

David Boadella (1974), em seu artigo “*Stress e estrutura de caráter*”, descreve a forma de pensamento de Alexander Lowen e Frank Lake sobre o desenvolvimento emocional do ser humano do ponto de vista bioenergético e existencial:

“Frank Lake desenvolveu um modelo de saúde mental, derivado da teologia existencial, envolvendo quatro componentes: um estado de ‘ser’, no qual a criança obtém seu sentimento de identidade através da experiência de contato com a mãe; um estado de ‘bem estar’, no qual ela obtém o sentimento que ela pode estar segura e tem direito a apoio; um estado de ‘realização’, quando ela obtém satisfação desenvolvendo habilidades; e a obtenção de ‘status’ pessoal baseado em relações emocionais seguras com outros. Esses quatro estados correspondem às quatro fases de maturação que são as de aproximação, sustento, exploração e comunicação.

Lowen descreveu defesas de caráter em relação a cinco direitos primários que são violados por educação defeituosa. Os direitos que ele descreve são:

- a) ‘o direito de existir, que é estar no mundo como um organismo individual. Esse direito é geralmente estabelecido durante os primeiros meses de existência.’ Esse direito está associado com a oportunidade de

- aproximação e está relacionado diretamente ao fluxo de energia livre e à primeira fase do ciclo de maturação. É a experiência de ser e ver;
- b) ‘o direito de estar seguro, que deriva da função de proteção da mãe durante os primeiros anos.’ Esse direito relaciona-se ao sentimento de ser carregado e ao período de sustento. É a experiência de ter e provar;
 - c) ‘o direito de ser livre, que é não estar sujeito às necessidades de outros;’
 - d) ‘o direito de ser independente, o qual a criança estabelece através de auto-afirmação e sua oposição aos pais.’ Ambos os direitos estão associados com um ritmo de livre energia (que Lowen vê como a base da condução da realidade) e com a fase de exploração e os primitivos movimentos em direção à independência. Ambos envolvem a experiência de fazer e reproduzir; e
 - e) ‘o direito de querer e mover-se em direção à satisfação dessas vontades aberta e diretamente. Esse direito tem um grande componente de ego e é o último dos direitos naturais a ser estabelecido. Eu relacionaria sua aparição e desenvolvimento ao período entre 3 e 6 anos de idade aproximadamente. Ele está fortemente unido aos sentimentos sexuais da criança.’ Esse direito está associado claramente com a liberdade da criança de comunicar seus sentimentos diretamente adiante no que eu chamei de quarta fase de maturação. Ele depende, adicionalmente, de bom ajustamento em tônus muscular e envolve a experiência de dar e receber.

A neurose é uma desordem incorrida sob stress crônico. Normalmente o stress ocorre durante a infância, onde a criança não pode escapar dele facilmente. Animais não parecem tornar-se neuróticos a menos que eles sejam domesticados pelo homem ou presos em zoológicos.

Neurose é um colapso nas condições de maturação e uma violação desses direitos básicos. As defesas de caráter são contra-medidas desesperadas destinadas a assegurar sobrevivência e crescimento contínuo, reafirmando aqueles direitos por alguns meios. Elas permitem ao organismo um funcionamento limitado, o qual sem elas e em face dos traumas que são sofridos, não seria possível. Elas são operações de reagrupamento protetoras em relação à vida.

As neuroses podem ser consideradas entrando em quatro grupos, correspondentes às quatro fases do ciclo de maturação. Desde que a habilidade para explorar e para comunicar-se satisfatoriamente está baseada em aproximação e sustento adequados, nós esperaríamos que as neuroses associadas com bloqueios nas fases de exploração e comunicação deveriam apoiar-se numa sub-estrutura de distúrbio baseada em bloqueios nas fases de aproximação e sustento. Isto é o que nós achamos. É também possível, apesar de não muito provável, que uma pessoa poderia ter basicamente boas experiências nas duas primeiras fases e os traumas maiores ocorreriam somente durante as últimas fases, no movimento em direção à independência. Em geral, qualquer pessoa em particular tem probabilidades de mostrar algum grau de má função em cada uma dessas quatro áreas. As defesas de caráter são padrões universais de resposta. Elas são as cores da ferida. Mas cada pessoa tem probabilidade de mostrar uma capacidade latente de funcionar em cada uma dessas áreas, a qual, bem escondida, sobrevive sem dano. É essa capacidade latente que torna a terapia possível. É com a saúde no paciente que nós trabalhamos para vencer a doença. Sem ela, nós nos afogáramos em patologia, porque nenhum terapeuta pode trazer saúde a uma

pessoa que não oferece nada exceto resistência.

Nós estamos agora numa posição para olhar para algumas das diferenças em caracterologia, propostas por Lake e por Lowen. Lowen distinguiu cinco padrões principais de defesas de caráter, dois dos quais repousam na primeira metade do ciclo de maturação e três dos quais repousam na segunda metade do ciclo. Lake descreveu quatro principais padrões de caráter associados às fases de maturação. Cada um desses padrões funciona de forma polarizada; assim, o paciente que tem aspectos masoquistas na sua personalidade tem também aspectos sádicos.

As duas caracterologias são complementares e mutuamente consistentes.

O seguinte esquema esclarece isto e forma a base para o relato que se segue.

Função de energia	Fase de maturação	Direitos básicos	Caracterologia de Lowen	Caracterologia de Lake	Zona libidinal associada
fluxo	aproximação	de existir, ser e ver	esquizóide	esquizóide-histérico	‘ocular’
carga	sustento	de estar seguro ter e provar	oral	paranóide-depressivo	‘oral’
ritmo	exploração	de ser livre e independente, fazer e reproduzir	psicopata-masoquista	defesas sadomasoquistas	‘anal’
tônus	comunicação	tônus muscular de querer dar e receber	rígido	defesas submissas compulsiva e obsessiva	‘genital’

Os problemas da posição esquizóide histérica e da posição paranóide depressiva podem acontecer separadamente ou podem coexistir. Pode-se encontrar pessoas depressivas com um forte componente esquizóide e pessoas histéricas com um elemento paranóide em sua estrutura. E todas ou quaisquer combinações dessas defesas podem ser a base para formar as defesas particulares associadas com a terceira e a quarta fase do ciclo de maturação.

Para o objetivo do presente artigo sobre o masoquismo vamos nos deter na fase de maturação, de exploração e supressão à luta por independência e realização.

Exploração significa literalmente sair. Evidências de comportamento exploratório são encontradas mesmo num simples animal unicelular como a ameba, mas em animais maiores é usualmente associado com os movimentos pelos quais o animal explora seu espaço de vida. No caso de mamíferos, os quais têm um período prolongado de ligação à mãe, a principal fase de exploração coincide com o início da locomoção e depende da habilidade de andar e portanto de dar os primeiros passos no mundo longe da mãe. Anthony Barnett, um zoólogo de Glasgow, discutindo o comportamento exploratório de animais, reconheceu que:

‘Este tipo de comportamento depende de ter liberdade de orientações fixas e permite independência de exigências do ambiente imediato.’

Alexander Lowen, quase separadamente, sugeriu que o direito de ser livre e o direito de ser independente são direitos fundamentais, cuja frustração conduz, respectivamente, a reações de caráter psicopáticas e masoquistas.

É possível ver as defesas psicopáticas e masoquistas como reações polarizadas para o principal obstáculo contra exploração, que é a supressão.

Lowen relaciona supressão a eventos entre o primeiro e terceiro ano de vida. ‘Ela procede da mãe que é super-protetora, super-ansiosa e super-vigilante. O interesse material no bem-estar da criança é substituto da ternura e afeição que tem consideração pela crescente independência do novo indivíduo. É chamado de ‘sufocar’ ao invés de ‘ser mãe.’ Toma forma de alimentação forçada, ansiedade e interesse na função intestinal e consideração super-zelosa de que a criança não deveria se machucar em atividade física. Isto é feito em nome do amor, mas o efeito é suprimir o ego em crescimento da criança. Resistência e rebelião são logo reprimidas, auto-afirmação e auto-regulação não são permitidos. Sob o ditado ‘a mãe sabe mais’ o espírito da criança é literalmente esmagado.’

Em ambas as fases anteriores de aproximação e sustento o conceito de stress trans-marginal já usado como um limiar distinto entre dois tipos polarizados de reação de caráter: uma forma ativa de protesto, e uma forma mais passiva de protesto. Em resposta à ameaça de supressão às suas necessidades exploratórias, uma criança tem, similarmente, uma escolha entre os dois padrões de resposta, e qual direção ela escolhe pode muito bem corresponder à gravidade do stress. Basicamente, o que está envolvido nesse período é uma luta por poder; se os pais são bem sucedidos na luta para quebrar a vontade da criança e esmagar seu espírito, uma típica defesa de caráter masoquista resultará. Se, por outro lado, a criança reage afirmando seu próprio poder e controle, está a base para um padrão de reação de caráter psicopático.

Ambos os padrões de reação são formados no que Freud chamou o período ‘anal.’. Qual é a relação entre analidade e exploração? Bjorn Christiansen expressou-a como se segue:

‘O processo de excreção representa mais do que uma experiência passiva de prazer. Para a criança, ele parece representar uma nova área de contato com o ambiente. Seus produtos de excreção despertam o interesse positivo da criança no que diz respeito ao paladar, olfato e tato, e o processo, no seu sentido mais amplo, parece ser um campo de teste importante para as tendências iniciais de auto-descoberta da criança. Ao permitir a saída do produto anal, o qual é parte de si própria, a criança aprende a soltar, ou a desatar, sua relação simbiótica com a mãe.’

Esse período de desatar a relação com a mãe coincide com o período de andar.

Gerda Boyesen descreve-o dessa maneira:

‘O prazer de chutar e o prazer de auto-afirmação está fortemente associado ao sentimento de fluxo do corpo alcançando os músculos glúteos que são o ponto de ‘saber cuidar de si mesmo’; eles levantam o corpo e tornam-no independente, e eles também levantam o pescoço. Isto dá um sentimento de si próprio, de ser independente e de valor próprio, de valor como um ser distinto. Este processo também torna a respiração mais livre e a postura ereta e orgulhosa e com uma dignidade natural que é típica de um ser humano independente.’

Andar agradavelmente é um intenso compromisso entre soltar-se à gravidade e resistir a ela. Soltar-se muito é cair e ruir; resistir muito tem um efeito na postura como se estivesse suspenso no ar; ambos perturbam o andar natural e com isso a habilidade de permanecer firme ou mover-se facilmente. O soltar-se muito está associado com músculos hipotônicos e a resposta do ‘suspenso no ar’, com músculos hipertônicos.

Lowen também mostrou como o fato da criança que é forçada a usar os músculos das nádegas e coxas para obter controle anal leva à imobilização das pernas e a distúrbios no andar e por-se no chão.

A habilidade para explorar de maneira própria é a base do prazer natural de realização. O principal prazer aqui é fazer e produzir, modelar e formar:

‘A criança demonstra interesse crescente em brincar com objetos, em desmontar os brinquedos e a montá-los outra vez, em encher e esvaziar, em construir e demolir.’

Aqui estão os inícios de arte e ciências, as raízes da atividade e a base para satisfação no trabalho produtivo: ‘o produto de excreção de uma criança é a sua primeira forma de produtividade. O próprio processo de defecação proporciona um campo de teste central para seu autocontrole. O produto de excreção desperta seu interesse, primeiro como alguma coisa para soltar, e, mais tarde, como algo que ela pode manipular e sobre a qual ela pode decidir. Suas manipulações e decisões implicam que uma autonomia interior está começando a se formar... Apesar de o controle de assuntos anais ser certamente um aspecto importante ele é provavelmente apenas um fragmento do problema total, o controle geral psíquico e motor da criança.’

As reações de caráter da fase de exploração surgem da luta por controle. A criança pode submeter-se aos pais, e externamente aceitar seu controle e supressão; ou ela pode resistir, e afirmar seu próprio controle a fim de obter poder sobre os pais. Uma terceira possibilidade é um composto entre essas duas posições: é usar a energia de controle contra si mesma e ganhar uma independência condicional dos pais, tornando-se a reguladora de si mesma.

Reich baseou seu relato de masoquismo na descoberta de Freud ‘que masoquismo e sadismo não formam uma antítese absoluta, que um nunca ocorre sem o outro. Masoquismo e sadismo podem cada um converter-se no outro.’ Reich viu essa relação em termos de uma ‘antítese dialética’. Reich assinala que agressão sádica não está como Freud primeiramente pensou, limitada à fase anal. Ele fez distinção entre ‘sadismo oral’, baseado em frustrações no sugar (e ligado no presente papel à antítese paranóide-depressiva); ‘sadismo anal’, baseado em frustrações em prazer anal, resultando no impulso de pisar, oprimir e bater (ligado aqui à antítese psicopática-masoquista); e ‘sadismo fállico’, baseado em frustrações do prazer genital, que está ligado aos bloqueios da quarta fase do ciclo de crescimento. As três formas de sadismo estão estreitamente ligadas, de modo que no padrão de caráter fállico (a ser descrito mais tarde) freqüentemente será encontrada uma subestrutura psicopática e ou paranóide.

Entretanto, não se tem escrito muito sobre o caráter psicopático, e uma das razões para isso é que ele raramente procura terapia, desde que fazer isso o colocaria numa relação desfavorável. A pessoa psicopática reage à ameaça de supressão com ‘opressão’; ela se opõe às tentativas de esmagá-la tentando não se tornar submissa.

Em relação ao desenvolvimento de reações de caráter, a batalha por controle entre crianças e pais pode ser considerada como uma luta por território. Inicialmente o território que é contestado é o próprio corpo da criança, mais tarde é o espaço que ela procura para explorar. Se a criança aceita as exigências feitas em seu corpo pelos pais sedutores ou sufocantes, ela cedeu território vital; se, de outro lado, ela afirma seu controle e domínio, ela pode vir a ameaçar os direitos de seus pais. Se o masoquista se identifica com seu sentimento de ‘culpa e vergonha’ é porque ele procura esconder as tendências opostas de ‘ressentimento e culpa’. Para o psicopata o reverso é verdadeiro.

Lowen descreveu a luta por controle entre pais e criança nesses termos:

‘É uma questão de princípio não permitir à criança ter sua maneira própria. Uma criança pode perceber o antagonismo e reage a ele com super-agressividade. Uma vez que as linhas de conflito estão delineadas, o resultado da luta pode ser desastroso. Se os pais cedem por culpa ou simplesmente para calar a criança, eles a estragarão. Percebendo sua fraqueza, eles tentarão ser mais firmes na próxima ocasião. Mas a criança, tendo aprendido que ela pode abrir caminho criando distúrbio, lutará de volta com mais vigor. Nessas situações, a batalha é sem fim, com os pais às vezes vencendo a resistência da criança, às vezes desistindo. Também para a criança o problema se torna um problema de princípios – por princípio ela se oporá a toda exigência de seus pais. Uma criança crescendo em tal ambiente nunca desenvolverá uma fé na vida. Ela aprendeu que ela pode obter o que ela quer somente manobrando melhor e gritando mais alto que a oposição. Seus oponentes, entretanto, são aqueles cujo amor ela precisa e eles incluem todas as pessoas com quem ela deseja ter intimidade. Ela também aprendeu a manipular pessoas jogando com suas culpas, e ela usará essa tática quando sua intimidação não conseguir atingir o seu fim. O caráter que se desenvolve dessas experiências tem um forte vestígio sadomasoquista.’

A relação sadomasoquista demonstra a polaridade da fase de exploração. O caráter psicopático e o caráter masoquista são o interior e o exterior de cada um. Todo masoquista, sob sua submissão, contém o ressentimento enterrado e o impulso reprimido de dominar que são patentes na pessoa psicopática. Todo psicopata, sob sua dominação, esconde o medo de colapso e humilhação. Por isso a luta entre eles, se eles se relacionarem, é mais ou menos como segue:

O masoquista é esmagado, mas o psicopata esmaga. O masoquista se submete e sofre com o propósito de manter a paz, mas o psicopata domina e faz as pessoas sofrerem com o fim de vencer sua guerra. Se o masoquista é empurrado longe demais ou é ameaçado demais, ele pode dar uma virada e tornar-se um opressor, mas não por muito tempo. Ele prefere induzi-lo ou persuadi-lo ao que ele quer e pode, então, tornar-se conciliatório. O psicopata não deve perder, o masoquista não pode ganhar. O psicopata agride as pessoas, passa por cima delas e as esmaga, não respeita suas necessidades. O masoquista se despedaça, é presa fácil e é pisado – ele não tem respeito por si próprio. Se o psicopata perde, ele se lança numa ‘depressão’ masoquista e se representa vencido. Ele reage a qualquer derrubada como uma inacreditável humilhação e perda de expressão. Sua defesa é humilhar os outros. O masoquista quer proximidade e contato, e provoca hostilidade no caminho em direção a isto. O psicopata desvia proximidade e intimidade, ele é

hostil para evitar isto. O masoquista pende para baixo, verga-se e curva-se. O psicopata está suspenso, dá cotoveladas, permanece sobre as pessoas. O masoquista pode desistir de sua vida tomando conta de qualquer pessoa para provar seu amor; o psicopata passa sua vida esperando que outras pessoas lhe dêem o que ele exige. Mas o colapso da posição masoquista é contra-defendido por esforço compulsivo, de modo que a defesa de caráter masoquista tem elementos de compulsividade nela. Isto explica porque, de um lado, o masoquista se caracteriza, como Lowen mostrou, por ‘Estou tentando agradá-lo’ e, por outro lado, por ‘Eu nunca me darei por vencido não importa o que você faça comigo.’”

Até aqui descrevi os pontos de vista de Alexander Lowen, fundador da Bioenergética, e de David Boadella, que fundou a Biossíntese, sobre o caráter masoquista. Gostaria, agora, de mostrar a abordagem de Gerda Boyesen, fundadora da Psicologia Biodinâmica, sobre o assunto. Para isto, utilizo seu artigo intitulado “*Masoquismo e energia masoquista: um insight*” (1983, em *Cadernos de Psicologia Biodinâmica* nº3).

Relato, a seguir, a sessão feita por Gerda com o paciente Richard. As reflexões feitas por mim sobre a Psicologia Biodinâmica aparecem em letra itálica, mesmo que incluam citações de outros autores.

Gerda:

“Num workshop de final de semana, com estagiários em Psicologia Biodinâmica, realizado em Paris, 1982, aconteceu algo que me inspirou um insight a respeito do padrão de caráter masoquista. Richard, um dos participantes do grupo, na noite de sexta-feira, insistiu em começarmos o grupo pontualmente no dia seguinte, mesmo se ele e eu, a terapeuta do grupo, fôssemos os únicos a estarmos lá. Começar pontualmente sempre foi um problema para esse grupo. De qualquer forma, nós dois nos encontramos na entrada do Centro, em Paris, onde o grupo seria realizado, e começamos pontualmente. Os outros foram chegando. Não houve problemas e ele ficou satisfeito.”

A pontualidade do terapeuta é uma qualidade importante para a manutenção da segurança no setting.

“No domingo, entretanto, todos estavam lá pontualmente, mas estavam fazendo uma coleta de dinheiro enquanto eu ficava sentada esperando. Então, aqueles que haviam terminado os negócios começaram a conversar, ou a escrever, e fiquei observando Richard sem que ele percebesse. Ele estava impaciente e agitado. Queria começar, mas o tempo ia passando e ele não dizia nada.

Tendo observado, sem que ele percebesse por algum tempo, olhei-o abertamente e perguntei-lhe como se sentia. Ele disse que estava muito impaciente. Quando lhe perguntei por que não havia dito nada (já fazia quase meia hora que deveríamos ter começado) ele disse que todos ali estavam ocupados com suas coisas e que ele não queria se intrometer.”

Gerda está numa atitude de empatia em relação a Richard, que está em conflito entre falar e não falar, exigir ou calar. Como consequência disso, seu comportamento é de agitação e impaciência.

“Como aquele era um grupo de treinamento, pude mostrar-lhe que aquela atitude fazia parte de seu padrão de caráter – tipo passivo-feminino – e, como é típico desse padrão, ele era incapaz de exigir algo, fazendo apenas o que era esperado dele. Como Karen Horney demonstra, esse tipo inibe-se frente à agressão; perguntei-lhe sobre seu pai e sua mãe e como era o ambiente em sua casa durante seu crescimento. Estava pensando em como a estrutura parental devia tê-lo moldado. O quanto de dificuldade de auto-afirmação

haveria na atitude deles e também me perguntava sobre sua identificação e internalização da figura da mãe.

Ele respondeu que sua mãe tinha sido uma pessoa extremamente meiga e suave, afetuosa e sensível, e que ninguém em sua família impunha-se ou apresentava exigências. Uma atmosfera muito tranqüila e calma. Também contou que seu pai morreu quando ainda era pequeno e que não se lembrava bem dele.

Contei ao grupo que geralmente as atitudes familiares abertas e encobertas moldam o caráter da pessoa: por serem todos tão meigos e suaves, havia uma pressão silenciosa sobre a criança para ser igual: não exigente, quieta e pouco auto-assertiva. Seu caráter era não-exigente.”

Gerda, neste momento, busca fazer uma aliança (amizade com a resistência) com a defesa de caráter de Richard – a atitude de não-exigência –, que funciona como uma resistência protetora em relação ao conflito original.

A postura da Psicologia Biodinâmica é de respeito pela resistência, devido à sua função de proteção. A resistência não deve ser quebrada, mas dissolvida com calor e cuidado, para que não haja formação de couraça secundária.

Essa dificuldade de auto-afirmação que aparece na personalidade de Richard, é descrita por Lowen e Boadella com uma questão também do caráter masoquista, já mencionada acima.

Gerda e Reich, ao negarem a existência de um instinto de morte, salientam o papel de uma educação distorcida na formação das neuroses.

Reich (1955), em A Função do Orgasmo, comenta: “os pacientes lembram-se do tempo da sua primeira infância, quando a unidade de sensação do seu corpo não estava perturbada; tomadas de emoção, falam do tempo em que, crianças, se sentiam identificados com a natureza e com tudo que os rodeava, do tempo em que se sentiam vivos e como finalmente tudo isso fora despedaçado e esmagado pela educação.”

Reich prossegue dizendo que “a importância da atitude do corpo para a reprodução estrutural da ordem social, será entendida, um dia, e praticamente dominada em larga escala.

Certas expressões, habituais na educação pela boca de pais e mestres, retratam com exatidão o que descrevi como técnica muscular de encorajamento. Uma das peças centrais da educação atual é o aprendizado do autocontrole:

‘- Quem quer ser homem, deve dominar-se.’

‘- Não se deve deixar-se levar.’

‘- Não se deve demonstrar medo.’

‘- Cólera é falta de educação.’

‘- Uma criança decente senta-se quieta.’

‘- Não se deve demonstrar o que se sente.’

‘- Deve-se cerrar os dentes.’

Essas frases são características da educação; inicialmente são repelidas pelas crianças, depois aceitas com relutância, laboradas e por fim, exercitadas. Entortam-lhes, via de regra, a espinha da alma, quebram-lhes a vontade, destróem-lhes a vida interior, fazem delas bonecos bem-educados.

Por mais intensamente que as crianças anseiem por uma vivacidade e por uma liberdade vegetativas, recuam diante delas e voluntariamente suprimem os seus impulsos quando não encontram um ambiente congenial, onde possam desenvolver a sua vitalidade sadia, relativamente livre de conflitos. Este é o mais exato entendimento dos mecanismos

pelos quais as emoções são patologicamente controladas.”

Gerda prossegue:

“Entretanto, enquanto falava, estava pensando que sua estrutura corporal era mais parecida com a do caráter masoquista, descrita por Lowen, com ombros fortes que carregam tudo. Com o desenrolar dos fatos essa observação provou-se verdadeira.

Richard falou que queria trabalhar comigo e coloquei-o frente a um colchão levantado. Perguntei-lhe, então, com quem estava bravo. Ele disse que estava bravo consigo mesmo; com aquela parte dele que nunca permitiu que ele exigisse qualquer coisa; que sempre o restringiu e sempre o manteve em segundo plano; que nunca permitiu que ele se preenchesse. Queria livrar-se dessa parte e sentir-se livre. Ele estava dizendo isso para si mesmo, como se fosse, usando uma técnica da Gestalt e quando inverteu os papéis, a parte controladora respondeu que sempre o seguia e tomava conta dele porque a outra parte (livre e espontânea) era muito pequena para enfrentar as coisas. Era muito espontânea. Também era muito impotente, e então precisava dele (o controle) para ser forte, para orientar e cuidar dele e impedi-lo de fazer o que não devia. Conseqüentemente esse lado controlador iria sempre segui-lo e nunca abandoná-lo.

Invertendo os papéis novamente, a outra parte sentiu-se tão oprimida pelo peso desse controle sobre seus ombros que ele passou a querer fazer as coisas sem esse fardo. Richard começou a sentir tensão em seus ombros e passou a movimentar-se como para livrar-se de algo. Estimulei-o a continuar com esses movimentos, mas ao invés disso, ele se retesou novamente e sentiu um endurecimento com dor e tensão. Foi aí que pude ver o padrão masoquista claramente.”

Neste ponto, Gerda tenta usar a técnica de livre associação de movimentos que, à semelhança da livre associação verbal, busca trazer à tona material psíquico reprimido. Mas o resultado com Richard não foi satisfatório; ao invés disso, ele sentiu um endurecimento com dor e tensão. Gerda, então, vai em busca de uma nova estratégia terapêutica. A Psicologia Biodinâmica evita usar técnicas que sejam provocativas e que causem dor física ou psíquica no paciente.

“Houve um acentuado conflito no qual a parte controladora venceu e a parte viva, que desejava liberdade, teve que submeter-se e render-se. Ocorreu-me que esse menino nunca ousou ter um acesso de raiva, o que é um reflexo de teimosia da fase anal e auto-assertiva. Fase em que, em minha concepção, o conflito do superego realmente se estabelece. Se a criança sucumbe ao meio ambiente, violando assim sua natureza, forma-se uma personalidade secundária mais neurótica no caráter. A criança precisa desvencilhar-se da fusão que estabeleceu com a mãe quando era bebê e manter-se como uma personalidade independente e individuada – como a personalidade primária. Se não for assim, continuará identificada e com a internalização da mãe em si, o que leva às características passivo-femininas. A dinâmica que se estabelece é um sentimento de catástrofe a cada vez que ela tenta ser ‘ela mesma’, como se esse desejo violasse a mãe interna. Ela permanece então na posição passiva, na internalização e identificação com a mãe, ao invés de ir à luta por sua auto-afirmação, com os acessos de raiva que constituem a maneira pela qual as crianças geralmente o fazem.”

Segundo Gerda Boyesen (1983), em Cadernos de Biodinâmica, e (1986) em Psique e Soma, a pessoa que vive sua personalidade primária está em contato com sua circulação libidinal. As correntes energéticas do corpo estão fluindo livremente, permitindo a manifestação dos impulsos internos originais e promovendo a atualização dos potenciais humanos individuais. A personalidade primária é espontânea, criativa,

confiante, auto-afirmativa, não tem dificuldades para dizer sim ou não, e tende para a auto-regulação, a auto-realização, a satisfação e a plenitude. É independente e possui a capacidade de estar só quando necessário e desejado. É capaz de expressar suas emoções sem culpa, de dar e receber, de amar, e de viver sua sexualidade de forma integrada. Vive em contato com seu eu instintual e espiritual. Tem prazer em viver, sentindo-se pertencente ao seu meio ambiente.

Quando a personalidade primária da pessoa é impedida de se manifestar, de se auto-realizar, surge a personalidade secundária. É o lado escuro do caráter, neurótico e encoraçado. Corporalmente seu padrão é de contração, experimentando culpa ao expressar seus sentimentos. Sua circulação libidinal está bloqueada, o impulso interno real não pode emergir. É dependente dos outros para sua satisfação e bem-estar. Com tendência a ser oral, questiona o seu direito de existir e é moldável pelo ambiente. A auto-afirmação de sua vontade está prejudicada. A pessoa desenvolve a personalidade secundária para ajustar seu ambiente e para proteger-se de ameaças externas e sobreviver. Ela é fruto de uma educação repressora e distorcida.

Gerda prossegue em sua estratégia terapêutica:

“Percebi seus ombros largos e escolhi um dos rapazes mais fortes do grupo para pendurar-se neles pelas costas. Ele levantou os pés do chão para aumentar o peso; Richard parecia sentir como se não fosse um grande peso e disse: ‘Isso não é nada. Posso agüentar mais. Pode colocar outro homem fazendo força sobre esse, e mais outro, e mais outro. Posso agüentar muito mais.’

Era inacreditável como Richard conseguia manter-se em pé sustentando todos os outros. Estava começando a ficar realmente pesado para ele, mas cerrou os dentes e disse: ‘Posso agüentar ainda mais.’ Havia um sorriso e um certo prazer nessa última afirmação. Parei e expliquei ao grupo e para Richard como isto demonstrava um traço de caráter masoquista.”

Gerda, neste ponto da sessão, utiliza um exercício bioenergético, de forma bastante cuidadosa, para trabalhar a couraça de Richard.

Esse tipo de exercício tem como objetivo restabelecer a auto-regulação do organismo, do Sistema Nervoso Autônomo, isto é, o equilíbrio entre o Sistema Simpático e o Parassimpático.

Ao tratar deste assunto, Reich descreve a curva orgástica como: tensão, carga, descarga e relaxamento. Richard vive um estado de tensão e carga (hiper funcionamento do Sistema Nervoso Simpático) sem poder descarregar e relaxar adequadamente. Então, a função do exercício proposto por Gerda é a de aumentar a carga até um ponto de tensão, a partir do qual obtém-se uma resposta de descarga orgânica, a couraça muscular se abre e a emoção contida emerge.

Pressuposto básico é o de que um organismo que tem a sua auto-regulação preservada tem sua circulação libidinal fluindo livremente, o que facilita a expressão da personalidade primária (verdadeiro self) e um estado de bem-estar independente.

Prossegue Gerda:

“O que é típico no caráter masoquista é que eles se orgulham de tudo que são capazes de agüentar sobre seus ombros. Estão acostumados a seus pesados fardos e têm um lema: ‘Posso agüentar ainda mais.’

Os quatro rapazes continuavam dependurados sobre ele, fazendo o máximo para derrubá-lo; era inacreditável ver como ele se mantinha em pé como um Atlas, o gigante que carrega o globo. Entretanto, finalmente, percebi que estava sendo fisicamente demais para

ele. Não queria que ele caísse de joelhos.”

Aqui aparece em Richard um dos traços do caráter masoquista relacionado ao conflito de poder; ele está em oposição ao grupo e se sente poderoso, pois pode agüentar quatro rapazes dependurados sobre suas costas. Esta é uma luta por realização, para sentir-se capaz.

Gerda interrompeu o exercício para evitar que Richard caísse de joelhos, pois isto poderia colocá-lo numa situação de humilhação (ferida básica do caráter masoquista) reforçando a dor da criança, ao invés de promover reparação. Este é um dos cuidados da Psicoterapia Biodinâmica, evitar simplesmente a quebra das defesas, pois isto pode gerar couraça secundária.

André Samson (1994) em seu artigo “A couraça secundária”, afirma:

“O conceito de couraça secundária, criado por Gerda Boyesen, surgiu como uma das formas de explicar efeitos colaterais conseqüentes de trabalho psicoterapêutico aplicado de forma invasiva. Gerda aponta para a importância de uma visão global da relação entre o sistema de defesa e o material inconsciente. O trabalho com exercícios mobilizadores utilizados por terapias reichianas e neo-reichianas, que focaliza apenas na quebra do sistema de defesa, é promovedor da formação de couraça secundária. Esta se define como uma defesa recém-formada, em conseqüência de uma invasão do sistema defensivo e exposição precoce do matéria inconsciente reprimido. Sendo precoce, a exposição provoca uma reação de contração posterior ao primeiro suspiro de alívio, levando à formação de uma nova defesa, mais complexa e menos aparente, que recebe o nome de secundária porque protege contra a mais recente invasora do material reprimido: a terapia.”

Diz Gerda:

“Assim, não deixei que ele caísse de joelhos, e parei enquanto mantinha-se em pé. Ele ficou ali e perguntei-lhe o que estava acontecendo. Ele disse que sentia frio. ‘Depois de todo esse esforço físico. Interessante! Deve haver algum medo.’ Ele estava olhando para mim e começou a tremer, cada vez mais. ‘- O que está acontecendo?’ perguntei. ‘- Minhas mãos. Parecem tão estranhas. Estão tão frias. É como se estivessem paralisadas. Não podem fazer nada... Mas elas precisam fazer algo! Precisam e não podem.’ Suas mãos pareciam mesmo muito peculiares. Sua coloração era vermelha e branca e estavam contraídas e envergadas como se estivessem congeladas. Ele disse novamente: ‘- Não posso movê-las. Não posso fazer nada. Quero fazer alguma coisa e não consigo. Estou completamente impotente.’

Richard, neste ponto da sessão, relata sua sensação de impotência, que se expressa corporalmente através de suas mãos paralisadas, um conflito entre querer fazer algo e não poder, não conseguir fazê-lo.

A terapeuta utiliza a técnica da vegetoterapia. A partir de sintomas vegetativos do paciente (frio, tremor, mãos frias e paralisadas), Gerda, através de identificação vegetativa (capacidade de sentir em seu próprio corpo o que está acontecendo no corpo de outra pessoa), interpreta tais sinais como uma reação de medo.

Gerda prossegue perguntando:

“Perguntei: ‘- Nesse momento, quantos anos você tem?’

‘- Sou muito, muito pequeno.’

Como ele estava sentindo dificuldades em manter-se em pé, pedi-lhe que se ajoelhasse no colchão olhando para mim, que também estava ajoelhada. ‘- Do que você sente medo?’ perguntei.

‘- Meu pai está morto.’

Pedi a uma pessoa do grupo, Dennis, que se deitasse no colchão na frente dele. Em alguns casos isso poderia ser muito forte, mas senti que nesse caso seria bom. Ele podia agüentar.

Richard olhou para Dennis, deitado ali como se estivesse morto, e pensei que ele fosse expressar algo relacionado a seu pai, ou ao pesar em relação à sua morte. Não foi o que aconteceu. Curiosamente, parecia não ser esse o problema. Ficou claro que ele ainda era emocionalmente muito pequeno, e estava, naturalmente, relacionando-se com sua mãe, não com o pai.

‘- O que está acontecendo?’ ‘- Estou pensando em minha mãe. Ela está infeliz. Está triste e cheia de pesar. Ela chora e quero consolá-la. Não consigo,’ Começou a chorar.

‘- Sinto-me tão desamparado. Quero protegê-la e não consigo. Ela é tão boa. É tão maravilhosa. Amo-a muito.’ Continuou a chorar. ‘- Eu a amo tanto. Ela perdeu meu pai. Ele a protegia. Quero ajudá-la. Quero protegê-la.’”

Neste momento terapêutico, baseado na relação transferencial com Gerda, Richard pode ter uma ab-reação, com efeito catártico.

Ab-reação é definida por Laplanche e Pontalis (1983) como uma “descarga emocional pela qual um indivíduo se liberta do afeto ligado à recordação de um acontecimento traumático, permitindo-lhe assim não se tornar ou não continuar patogênico.”

A ausência de ab-reação tem como efeito deixar subsistir no estado inconsciente e isolado do curso normal do pensamento grupos de representações que estão na origem dos sintomas neuróticos.

Ab-reação é o caminho normal que permite a um indivíduo reagir a um acontecimento e evitar que ele conserve um quantum de afeto demasiado importante; no entanto, é preciso que essa reação seja adequada para que possa ter um efeito catártico. Essa reação pode ser constituída por reflexos voluntários ou involuntários, pode ir das lágrimas à vingança.

A ab-reação pode ser espontânea, isto é, seguir-se ao acontecimento com um intervalo tão curto que impeça que a sua recordação se carregue de um afeto demasiado importante para se tornar patogênico. Ou então pode ser secundária, provocada pela psicoterapia catártica, que permite ao doente rememorar e objetivar pela palavra o acontecimento traumático e libertar-se, assim, do quantum de afeto que o tornava patogênico.

Freud efetivamente nota já em 1895: “É na linguagem que o homem acha um substituto para o ato substituto graças ao qual o afeto pode ser ab-reagido quase da mesma maneira. Uma ab-reação total não é a única maneira pela qual um indivíduo pode se desembaraçar da recordação de um acontecimento traumático. A recordação pode ser integrada numa série associativa, que permita a correção do acontecimento que o faça voltar ao seu lugar, promovendo elaboração psíquica.”

Gerda descreve quatro formas de ab-reação:

- 1) descarga emocional psíquica forte, que tem um sentido energético ascendente, que consiste na expressão emocional através de, por exemplo, choro, gritos e reações comportamentais intensas;*
- 2) descarga vegetativa forte, que tem um sentido energético descendente. Exemplo: diarreia;*
- 3) descarga emocional psíquica suave, que tem um sentido energético*

ascendente, que se dá através da palavra. Essa idéia de Gerda assemelha-se à de Freud acima citada;

- 4) *descarga vegetativa suave, que tem um sentido energético descendente, que se dá através da psicoperistalse;*

A partir dessas idéias, Gerda desenvolve o método da massagem biodinâmica, no qual os afetos patogênicos podem ser liberados e integrados à psique, através de uma descarga suave que é a psicoperistalse.

Continua Gerda:

“Levantou-se. ‘- Quero ser grande e forte. Quero protegê-la como meu pai o fez. Quero livrá-la de toda dor, assim como fez meu pai, e fazê-la feliz, mas... sou tão pequeno.’ Olhou novamente para suas mãos com desamparo e impotência.

Perguntei: ‘- Quantos anos você tinha quando seu pai morreu?’

‘- Onze meses.’

Houve um arfar por parte do grupo, que vinha seguindo o processo com empatia e admiração. Muitos deles estavam chorando e havia lágrimas nos olhos de quase todos. Foi muito comovente; tamanha luta; tamanha tragédia na vida de um menino tão pequeno. Ele era tão heróico; apenas onze meses e assumindo tamanho fardo.

De repente eu vi tudo dentro de uma casca de noz. Essa era a impotência. Uma impotência natural quando um menino pequeno assume tamanho fardo. Obviamente não foi formulado nesses termos naquela idade, e provavelmente foram reforçados posteriormente, mas mesmo assim a intenção estava lá. É o que forma um estado emocional que posteriormente se desenvolve em padrão neurótico.”

Nesta sessão, o grupo tem uma função terapêutica bastante importante, entrando em ressonância psicossomática, vibrando e sintonizando com a emoção de Richard, a tal ponto que algumas pessoas choram junto com ele.

Gerda, durante o atendimento de Richard, utiliza diversas técnicas, mas isto não é o mais importante. O fundamental é o seu cuidado com a relação transferencial.

No início da sessão, o paciente mostra-se retraído, não-assertivo. Gerda vai manejando a situação de tal maneira que ele pôde expressar seus sentimentos, desencorajando-se, expandindo-se, entrando em contato com sua personalidade primária.

As falas de Gerda dirigidas a Richard são construídas a partir de identificação projetiva (conceito desenvolvido por Melanie Klein; ver mais sobre o assunto no artigo de André Samson “Transferência e contratransferência em Psicoterapia Corporal”, 2000) dela para com ele e não têm um caráter de interpretação impositiva. A postura da Psicologia Biodinâmica em relação às interpretações assemelha-se ao que Winnicott descreve em seu relacionamento terapêutico com crianças e que, creio, é válido também para adultos. Winnicott (1984), em seu livro Consultas terapêuticas, comenta:

*“Quando faço uma interpretação, se a criança discorda ou parece se omitir na resposta, presto-me imediatamente a revogar o que disse. Quando me ocorre fazer uma interpretação e estar errado, a criança é capaz de me corrigir. Algumas vezes naturalmente há uma resistência, o que significa que fiz a interpretação correta e que esta está sendo negada. Mas a interpretação que não funciona significa, sempre, que a fiz no momento errado ou da maneira errada, e a revogo incondicionalmente. Se a interpretação estiver correta, pode ocorrer que me tenha equivocado ao verbalizar esse material daquele modo e naquele momento em particular. Interpretações dogmáticas deixam à criança apenas duas alternativas: a **aceitação** do que eu disse como uma doutrina ou a **rejeição** da*

interpretação, de mim e de toda a situação.”

Clover Southwell (1983), em seu artigo “Pressão organísmica interna”, publicado em Cadernos de Biodinâmica nº 1, afirma:

*“O processo terapêutico biodinâmico, portanto, é a **redescoberta** da verdadeira natureza, tirar a **cobertura** e conseguir a retomada do verdadeiro **self** no maior número possível de funções humanas. E o fator-chave nesse processo será a **pressão**: a pressão expansiva intrínseca do núcleo organísmico da Personalidade Primária.*

Este núcleo do organismo pode ter que ser estimulado, encorajado, pode precisar ser re-acordado. Mas ele está lá. A força vital positiva, afirmativa da Personalidade Primária, com seus impulsos para se expressar, para conseguir a realização de sua verdadeira natureza. E este é o poder de cura autógena natural do próprio organismo.

Portanto, a terapia bio-dinâmica é um processo com dois procedimentos. Por um lado, invocamos a Personalidade Primária para se expandir e se expressar. Por outro lado, abrimos caminho para que ela se estenda, eliminando e dissolvendo as camadas de pressões constritivas no soma e na psique que têm reprimido, comprimido, suprimido esta essência orgânica fundamental e expansiva.”

Nessa sessão de Gerda com Richard encontramos algumas condições importantes para que possa ocorrer o processo de Psicoterapia Biodinâmica, descrita por Clover (1983) como se segue:

*“1. Uma **confiança** profunda no positivo poder expansivo do núcleo organísmico, a Personalidade Primária. O processo terapêutico biodinâmico é essencialmente uma cura autógena espontânea, um processo de auto-realização. A Personalidade Primária avançará à procura de expressão e realização, desde que o terapeuta e o cliente forneçam espaço e encorajamento suficientes;*

*2. **Ausência de pressões externas** - Na segurança e privacidade da sessão terapêutica o cliente encontra um paraíso onde não há pressões externas, apenas espaço e aceitação. Assim, o terapeuta deve estar atento contra intervenções explícitas. (Como Mona-Lisa Boyesen diz: ‘há centenas de formas que interrompem um paciente...’). Mas o terapeuta também não se deve permitir nenhuma compulsão para projetar pressões sobre o cliente: ausência total de julgamentos, expectativas, por mais dissimuladas ou implícitas que sejam;*

*3. **Tolerância Positiva** - Ao estar totalmente presente – atento, disponível, radiante, entretanto com aquela paz interna que faz com que o cliente não tenha que afirmar sua própria posição – o terapeuta tem o poder de criar espaço terapêutico positivo que encoraja a expansão do núcleo organísmico, criando na sala de terapia uma força como a do vácuo ou de um ímã, para trazer à superfície as pressões que estão empurrando do interior do núcleo organísmico. (Desta forma também, o silêncio pode ser uma força positiva. Compare o silêncio encantado e positivo quando um grande artista termina uma música, com a mera falta de barulho quando o público se instala para ouvir em ‘silêncio’ de antecipação).*

Não é a mesma coisa deitar-se sozinho – mesmo no ambiente mais seguro e com todo o tempo do mundo – e sentir seu corpo, sentir sua respiração e deixar que aconteça o que quiser acontecer sem reter nada. Tentei isso sozinha freqüentemente e simplesmente não é a mesma coisa.

A razão disso, suponho, é esta: a raiz da neurose é precisamente este padrão de não se permitir ser o que é. Assim, até que a neurose esteja dissolvida, precisa-se da presença do terapeuta para criar esse ambiente de aceitação positiva no qual a

Personalidade Primária pode – hesitante, no início – se expressar.

4. No caso de Gerda, há um elemento ‘mágico’ extra: seu sistema energético extraordinário, que irradia tão intensamente sobre as pessoas, que de alguma maneira chega a estimular seu próprio potencial orgonômico latente.”

É importante salientar que, além dessas qualidades da personalidade de Gerda, Clover, que é sua paciente, tem uma relação transferencial com ela, o que propicia um contato energético diferenciado para que a terapia possa acontecer.

Muitas vezes, a relação terapeuta-paciente tem sido comparada com a relação mãe –bebê. Reich (1945), ao falar sobre a fisiologia da angústia do masoquista, comenta: “a energia orgone descoberta em 1939 dá a explicação sobre esse fenômeno: o alívio da angústia da criança pelo contato com o corpo da mãe explica-se orgono-biofisicamente pela expansão orgonótica do biosistema da criança, que se estende para a mãe. Há um contato entre os campos orgônicos dos dois organismos”.

Afirma Gerda:

“Compreendi, enquanto Richard estava em pé ali com suas mãos impotentes, prometendo proteger sua mãe, que ele havia feito um pacto; um pacto consigo mesmo com onze meses de idade. Um pacto que uma criança estabelece consigo mesma é incrivelmente poderoso e uma das coisas mais difíceis de se alcançar. Pois é ao mesmo tempo secreto e sagrado. Não é contado a ninguém e contém toda a força e envolvimento da criança. Até que seja alcançado, a neurose não pode realmente ser resolvida, pois o pacto sempre manterá a neurose e o padrão neurótico. Richard fez um pacto consigo mesmo no sentido de proteger sua mãe e nunca, nunca deixá-la triste ou machucá-la; de manter o pesar e a dor afastados de sua vida. Era de fundamental importância estabelecer exatamente como esse pacto foi formulado e jurado naquela época, e depois retificá-lo para livrá-lo do padrão neurótico.

Pedi a ele que fechasse os olhos e repetisse o pacto que havia feito consigo mesmo naquela época. Era mais fácil para ele entrar em contato com isso, e com seu lado inconsciente, de olhos fechados. Seu corpo tornou-se novamente forte e determinado. Cerrou os punhos, enrijeceu o maxilar e os dentes e disse: ‘- Darei o máximo de mim; farei tudo o que puder – para protegê-la e ajudá-la. Farei tudo. Eu juro! Tentarei fazer tudo. Darei o máximo de mim. Mantereí todo o pesar longe dela, toda preocupação; tudo.’

Aqui está a parte interessante; a incredivelmente pequena diferença na formulação que mantém a pessoa neurótica e faz com que ela seja masoquista em vez de uma pessoa saudável. Há uma fina capa de nuances, tão delicada quanto uma teia de aranha, dentro da qual fica-se pendurado à neurose. Nesse caso era o grau de determinação. ‘Darei o máximo de mim!’ – esse é o padrão masoquista; e ao alcançar esse ponto alcançamos o ápice da formulação de seu caráter.

Nesse ponto, eu disse: ‘- Richard. Tente dizer. Farei tudo o que eu puder; o que eu for capaz de fazer.’ Esse momento foi elétrico. Sem que fosse necessária qualquer explicação, todo o grupo compreendeu e observou em atônito silêncio.

‘- Farei tudo que puder!’

‘- Farei o melhor que puder!’

‘- Darei o máximo de mim!’

‘- Farei o que puder!’

‘- Farei tudo o que puder!’

‘- Farei o melhor – do que eu puder!’

Com essas sutis mudanças nas palavras, à medida que ele ia reformulando o pacto, a

neurose dissolveu-se e transformou-se numa determinação saudável. ‘Tudo’ e ‘máximo’ colocavam sobre seus ombros um fardo insuportável, que ele não poderia suportar de forma saudável. Foi difícil para ele repetir o que eu havia dito e reformular esse pacto que havia se tornado um fardo em sua vida, mas à medida que ele o fez, com o apoio silencioso do grupo, sua última afirmação: ‘- Farei o melhor – do que eu puder!’ trouxe um sorriso para o seu rosto e todos rimos.

Com a risada e o alívio, o trabalho retornou de uma regressão pesada e carregada emocionalmente para o aqui e agora, com uma sensação leve e alegre, e com humor. Parei o trabalho nesse ponto, pedindo a ele que repetisse mais uma ou duas vezes sua última afirmação para assegurá-la. Depois expliquei para ele e para o grupo como funcionava o pacto neurótico. Falamos do quanto era incompreensível e comovente ouvir tais decisões e qualidades de uma criança tão pequena.

Sentia-me cheia de respeito pelo que havia acontecido, e apesar de estar acostumada com essas situações em meu trabalho – de certa forma elas são o meu pão de cada dia – sempre sinto que cada uma delas é única, nova e especial para cada pessoa, mesmo que os princípios sejam os mesmos.”

Gerda trabalha, através da linguagem, a mudança da postura de Richard de onipotência para potência e realização. Essa sessão é o início de um processo de conscientização e transformação de seu padrão de caráter.

Prossegue Gerda:

“Depois de ter descansado e depois do período de feedback, falei para o grupo como eu havia sentido que o trabalho que havíamos realizado naquele dia era um Trabalho Sagrado. Como, ironicamente, foram as Mais Altas Qualidades de Richard – aquelas que digo que são ‘da eternidade’ - e nobreza de seu **self superior** - que o tornaram de certa forma neurótico. Ele tomou para si um fardo muito especial. Se ele não se importasse tanto com sua mãe ou se ele não a amasse tanto e não desejasse também ajudá-la, consolá-la e protegê-la, não reagiria dessa forma e não se tornaria neurótico. Ele agiu movido pelas melhores qualidades humanas, e assim tornou-se neurótico e masoquista, e acredito que isso levanta uma ampla questão a respeito de toda terminologia e conceituação de masoquismo.

Existe também a questão das crianças mais inteligentes serem mais propensas à neurose, pois, talvez, elas percebam mais. Este é o exemplo de um menino de apenas onze meses percebendo demais o que acontecia à sua volta, e reagindo de maneira adulta; mas com a capacidade e o corpo de uma criança. Então, novamente a neurose desenvolveu-se de suas melhores qualidades. Ele reagiu movido pelas qualidades do **self superior**, tais como inteligência, compreensão, amor, proteção e cuidado, e não pelas qualidades do **self inferior**, como ódio e raiva, como é comum. Essa é a ironia da tragédia e, se possível dizer, o jogo cósmico disso tudo.

Expliquei ao grupo que era possível compreender todo o padrão de caráter a partir desse pacto. Provavelmente ele havia evitado a importante fase de ‘explosão emocional’, que propicia a auto-afirmação e a individualidade e o libertar-se do habitual sufocamento do superego internalizado. Sua promessa de ser sempre bom e gentil com sua mãe e nunca trazer nenhuma aflição e também de protegê-la significava que ele nunca poderia afirmar-se ou ser uma criança difícil ou impossível. Esse é um estágio importante e necessário para o crescimento de uma personalidade saudável. Provavelmente ele também sentia que tinha que protegê-la de si mesmo, dessa sua parte. Ele tinha que ser tão carinhoso e amoroso como ela era, adotando e tornando-se uma parte do caráter dela.

Assim, ele se desenvolveu para a sua neurose pelo pacto que fez com amor, força e determinação.

Seu conflito era entre o **self superior** e o superego. Ele fez um pacto sagrado a partir do seu **self superior**, mas era ainda uma criança e o fardo muito pesado. As exigências do superego eram demasiadas para esse menino. Ele assumiu a decisão do **self superior** e tornou-a compulsiva. A solução neurótica foi adotar padrões masoquistas. Não se trata aqui de egoísmo, mas de altruísmo. Você pode dizer que a criança não podia agüentar vê-la infeliz, e queria fazer algo com relação a isso. Não estamos falando da parte nobre da humanidade?

Acredito que já é tempo para a psicologia emergir de uma espécie de período darwiniano e adotar idéias mais humanistas e esotéricas semelhantes às de Carl Jung. Nós podemos procurar liberar mais a consciência elevada do homem do que interpretar as elevadas qualidades através de motivos básicos.

Ao começarmos a nos mover em direção a uma psicologia do **self superior** podemos valorizar as qualidades nobres, reconhecer suas origens e conhecer a Natureza Superior e o Divino. Acho que nosso futuro está aí.

Ao ampliar o conceito do Caráter Masoquista, espero ter contribuído com essa tarefa e ter tomado parte no início de um processo onde a Psicologia Esotérica venha a ocupar primeiro plano em nossas mentes. Espero também ter tocado o coração, tão importante nesse campo, como o meu foi tocado pelo trabalho de Richard.”

Gerda, ao desenvolver o trabalho da Psicoterapia Biodinâmica, apóia-se em conceitos da Psicologia Junguiana.

James Hall (1977), em Jung e a Interpretação dos Sonhos, comenta:

“Individuação é um conceito central na teoria junguiana. Refere-se ao processo em que uma pessoa na vida real tenta consciente e deliberadamente compreender e desenvolver as potencialidades individuais inatas de sua psique. Como as possibilidades arquetípicas são muito vastas, qualquer processo de individuação deve com certeza ficar aquém da realização de tudo o que é inatamente possível. O fator importante, por conseguinte, não é a soma de realização, mas se a personalidade está sendo fiel às próprias potencialidades mais profundas (à semelhança do que Gerda descreve como personalidade primária), em vez de simplesmente ceder às tendências egocêntricas e narcisistas ou de se identificar com papéis culturais coletivos.

O ego pode se identificar com estruturas no inconsciente pessoal que não estão em harmonia com o processo mais amplo de individuação. Na grande maioria dos casos, isso gera a neurose – uma sensação de se estar dividido, nunca uno e indiviso em termos de reação e sentimento (à semelhança do que Gerda descreve como personalidade secundária).

É difícil descrever um processo típico ou bem sucedido de individuação, porque cada pessoa deve ser considerada um caso único de tal processo.

Em sua ênfase sobre o processo de individuação como conceito central da psicologia analítica, Jung assinalou claramente a profunda importância e o valor ímpar da vida humana. Essa prioridade está refletida nas grandes religiões mundiais, mas falta em muitos movimentos modernos de massa, onde o indivíduo é reduzido a uma unidade social, econômica ou militar. Nesse sentido, a individuação constitui um contraponto à ameaça de perda de valor humano num mundo que está excessivamente organizado em bases tecnológicas ou ideológicas.

Durante toda a sua vida, Jung manteve grande interesse pela experiência religiosa.

Dedicou-se ao estudo de religiões orientais, entendeu a alquimia como prática religiosa e psicológica não-ortodoxa e explorou os rituais de transformação que encontrou ainda ativos no seio da tradição cristã ocidental. Já que o Si-mesmo se apresenta fenomenologicamente com as mesmas imagens que têm sido associadas com frequência à divindade, ele funciona, em certa medida, como uma imagem de Deus dentro da psique. A relação entre essa imagem e aquela referida pela especulação teológica como Deus é, de fato, uma questão em aberto, embora não seja freqüentemente debatida.

O processo de individuação, tal como é entendido na teoria junguiana e encorajado na análise, envolve um diálogo contínuo entre o ego, como o centro responsável pela consciência, e um misterioso centro regulador da psique total, centro a que Jung chamou Si-mesmo. Ignoramos qual seja a natureza do Si-mesmo; é um conceito necessário ao exame de atividades observáveis da psique, mas não suscetível de elucidação direta.

Uma análise junguiana ‘bem sucedida’ leva à apreciação da natureza fundamentalmente misteriosa da psique, a qual parece ser ao mesmo tempo íntima e transpessoal, limitada pelo ego individual e, no entanto, mais livre no tempo e no espaço do que a personalidade empírica. Nessa fronteira da psique, estamos no limiar de questões culturais mais vastas, que não podem ser respondidas exclusivamente pelo insight clínico.”

CONCLUSÃO

A psicanalista Joyce McDougall (1977), em As múltiplas faces de Eros, num simpósio realizado em Paris sobre perversões na prática clínica, comenta:

“Poderíamos questionar o fascínio de Freud pela sexualidade humana e os incessantes estudos que fez de suas incontáveis complicações e aberrações. Talvez devamos suas momentosas descobertas do inconsciente e dos segredos eróticos da infância que estão ocultos nos sonhos ao fato de que ele próprio sofresse de problemas sexuais – mas era bastante curioso e bastante honesto para querer compreender suas origens.

Essa reflexão levanta a complexa questão do relacionamento entre formação de sintoma e criatividade. Tenho observado que a definição dada por Freud para a perversão era essencialmente a mesma de sua definição da sublimação.”

Como distinguir se uma atividade é perversa ou sublimatória?

“Conquanto nós todos analistas sejamos rápidos para reconhecer a ligação entre o **voyeur** e o artista gráfico, o sádico e o cirurgião, o exibicionista e o ator, o fetichista e o filósofo, estamos menos inclinados a dissecar as raízes libidinais existentes por trás de nossa própria escolha profissional. Teremos nós substituído nosso desejo voyeurístico de usurpar os segredos da cena primária pelo admirável anseio pelo saber? Teremos nós substituído o desejo de possuir as capacidades férteis tanto masculinas quanto femininas de nossos pais pelo desejo de compreender e criar teorias explicativas acerca de nossos analisandos? Teremos nós substituído nossa culpa a propósito de termos cometido ataques fantasísticos contra os objetos significativos de nosso mundo interno pela necessidade de curar e reparar o mundo psíquico dos outros? Em que medida estamos constantemente lidando com partes não-reconhecidas de nós mesmos, por meio de nosso trabalho analítico? O que dizer de nossas tendências homossexuais, narcísicas, criminosas e megalomaniacas, muitas vezes totalmente inconscientes (ou pelo menos recusadas)? Em que medida estaremos usando crenças teóricas como defesa contra uma identificação próxima demais

com nossos pacientes?

A propósito do tema do simpósio mencionado, talvez pudesse ser dito que a perversão, como a beleza, está no olho do espectador. Não há dúvida de que a principal ‘zona erógena’ da humanidade está localizada na mente. Isto é verdade tanto para analistas quanto para analisandos. É o olho do analista que observa e então cria os rótulos que definem o que é e o que não é perverso na sexualidade humana e na vida cotidiana! Devemos lembrar-nos de que, do ponto de vista de nossos analisandos, seu comportamento desviante ou quase desviante – expressado seja na escolha de objetos ou atos sexuais, em buscas sexuais adictivas ou na perversidade de seus traços de caráter - é quase invariavelmente vivenciado por eles como parte integrante de sua personalidade e de sua identidade, ainda que possam sofrer aos se darem conta da censura pública a propósito de suas predileções.”

Nenhum tipo de caráter gerou tanta polêmica e olhares tão variados sobre a questão ‘Qual é a natureza humana?’ quanto o caráter masoquista.

Enquanto Freud descreve a criança como ‘perversa polimorfa’ e pressupõe a existência de um instinto de morte, Reich nega a existência desse instinto e argumenta que as deformações do ser humano provêm de uma educação distorcida.

Enquanto Lowen relata ter encontrado aspectos demoníacos em cada um de seus pacientes masoquistas (demônios identificados com figuras parentais da criança), Gerda relata ter encontrado em Richard, paciente com diagnóstico de masoquista, aspectos do **self superior** relacionados com o divino, com o **Si-mesmo**.

Enquanto o humanismo cristão, com Santo Agostinho, fala que o ser humano nasce com o pecado original, que é a razão da possibilidade humana de errar, da perversidade da vontade e dos erros sucessivos, o humanismo naturalista, através de Rousseau, afirma que “o homem nasce bom, é a sociedade que o corrompe”.

Parece, então, existir aqui uma polêmica entre o bem e o mal, entre o divino e o diabólico, entre a luz e a sombra, que se encontra dentro de cada ser humano. Assim, é fundamental que cada terapeuta esteja atento às suas crenças sobre a natureza humana, pois elas certamente interferem na prática clínica.

A postura da Psicologia Biodinâmica é a de lidar e transformar a sombra, integrando-a à personalidade total. O olhar é, de fato, sobre o que o ser humano tem de melhor em si e a busca por trazer isso à tona. Não considero que este seja um olhar ingênuo mas sim libertário.

Gostaria de concluir este artigo citando o psiquiatra e psicanalista norte-americano Thomas Szasz (1969), que em seu livro A Ideologia e a Doença Mental afirma:

“Dentre os vários absurdos ditos por Rousseau, um dos mais insensatos e também o mais famoso diz: ‘O homem nasce livre e no entanto está sempre aprisionado’. Esta frase presunçosa obscurece a natureza da liberdade, porque se a liberdade é a capacidade de escolha livre de coerções, então o homem nasce aprisionado e o desafio da vida é a libertação.

A capacidade do indivíduo de fazer escolhas livres de coerções depende de suas condições internas e externas. Suas condições internas, que são seu caráter, personalidade ou mentalidade, suas aspirações e desejos, suas aversões e auto-disciplina, que o impulsionam a agir de várias maneiras ou o impedem. Suas condições externas, que são sua constituição biológica, seu ambiente físico e social, as potencialidades do seu corpo, o clima, as leis, a cultura, a tecnologia de sua sociedade, que o estimulam a agir de determinada maneira e o inibem a agir de outra.

Essas condições configuram e definem a extensão e qualidade das opções de um indivíduo. Em geral, quanto mais controle o homem adquire sobre suas condições internas e externas, tanto mais livre se torna. Enquanto que o fracasso na aquisição de tal controle, ou a perda do mesmo, o escraviza.

O desenvolvimento pessoal é, assim, um processo de libertação individual, no qual o auto controle e a auto direção suplantam a anarquia interna e a coação externa”.

Segundo a visão de Thomas Zsasz, nós, terapeutas, não devemos negligenciar ou desviar a atenção do caráter essencialmente moral e político do desenvolvimento humano e da existência social em prol de um excesso de compreensão psicológica, da ‘psicologização’, da existência humana.

Penso que uma das principais funções da terapia seja ajudar o paciente a caminhar em direção a um maior grau de liberdade e a tornar-se sujeito de sua própria história.

BIBLIOGRAFIA

Boadella, David, “*Stress e estrutura de caráter*”, artigo traduzido pelo Instituto Brasileiro de Biossíntese do livro de Boadella, David, e D.L. Smith, Maps of Character, London, England, Abbotsbury Publications BCM – Chesil, 1974.

Boyesen, Gerda, Entre psique e soma, São Paulo, Editora Summus, 1986.

_____, “*Experiences with dynamic relaxation and the relationship of its discovery to the Reichian Bioenergetic view of Vegetotherapy*”, Energy & Character, vol.1, 1970.

Boyesen, Gerda, artigo “*Masoquismo e energia masoquista: um insight*”, em Cadernos de Biodinâmica n°3, São Paulo, Editora Summus, 1983.

Hall, James, Jung e a interpretação dos sonhos, São Paulo, Editora Cultrix, 1983.

Iaconelli, Vera, Psicologia Biodinâmica: reflexão de uma prática organizando-se em teoria, São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1997.

Laplanche e Pontalis, Vocabulário da Psicanálise, São Paulo, Editora Martins Fontes, 1983.

Lowen, Alexander, O corpo em terapia, São Paulo, Editora Summus, 2ª. edição, 1977.

McDougall, Joyce, As múltiplas faces de Eros, São Paulo, Editora Martins Fontes, 1ª. edição, 1997.

Messner, Johannes, Ética social, São Paulo, Editora Quadrante, 1960.

Reich, Wilhelm, Análise do caráter, São Paulo, Editora Martins Fontes, 3ª. ed., 1998.

_____, A função do orgasmo, São Paulo, Editora Brasiliense, 1998.

Samson, André, “*A couraça secundária*”, em Revista Reichiana n° 3, Instituto Sedes Sapientiae, 1994.

_____, “*Transferência e contratransferência em Psicoterapia Corporal*”, artigo do Instituto de Psicologia Biodinâmica, 2000.

Winnicott, D. W., Consultas terapêuticas em Psiquiatria Infantil, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1984.

Zsasz, Thomas, A ideologia e a doença mental, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1969.